

É preciso investir mais nas crianças

Neste Dia da Criança, impõem-se algumas observações sobre um recente levantamento do Banco Mundial (Bird), o qual aponta que o Brasil não está entre os países da América Latina que dispensam maior atenção à população infantil. No quesito da moradia acesso a água tratada, saneamento básico e eletricidade, ficamos em sexto lugar numa lista de 20 nações, com 77 pontos numa tabela que vai de zero a 100. Mas no que respeita à educação as coisas se invertem e nosso País fica na 16ª colocação, à frente apenas de El Salvador, Honduras, Nicarágua e Guatemala. Perdemos até para a Bolívia e o Paraguai, os mais pobres do continente. Na área da saúde, o cenário não muda de forma substancial. O atendimento é praticamente universalizado, mas a qualidade deixa a desejar. Outro aspecto em que o déficit salta à vista é o da alimentação. Passa de 40% a taxa de crianças subnutridas no Brasil o que é uma vergonha, para um dos líderes mundiais da produção de alimentos enquanto é elevada, também, a de obesidade, o que significa que, quando comem, muitas delas comem errado. Diante desses dados, parece não haver dúvidas de que o País não conta com políticas públicas eficazes voltadas para a primeira infância. Nem integradas, entre os distintos níveis de governo, o que acaba provocando um enorme desperdício de esforços e de recursos. As iniciativas são isoladas e cada administração municipal, estadual e mesmo a federal age da maneira que julga mais adequada, sem se subordinar a uma diretriz básica, definida a partir de estudos, pesquisas, troca de experiências e outros procedimentos do gênero, sem a marca do improvisado. E isto não é de hoje; ao contrário, trata-se de uma velha rotina que, por acomodação ou por pura incompetência, raros governantes assumem o compromisso de quebrar, e mais raros ainda os que o fazem com sucesso. É cômodo dizer que a situação das crianças, no mundo inteiro, está sempre a refletir as condições gerais das respectivas sociedades. Ter essa afirmação como dogma constitui uma adesão à preguiça. É imperioso avançar, ou seja, proporcionar às crianças a chance de um futuro melhor que o das gerações anteriores. Aqui no Brasil, precisamos percorrer um longo caminho até chegar a esse ponto. Reverter esse quadro é necessário e urgente, e, para tanto, o passo inicial é fazer um diagnóstico amplo do setor, e depois planejar, com sensatez e racionalidade, o que tem de ser feito. A limitação de recursos não é argumento para fazer pouco. Já está provado que é possível obter resultados positivos, sem gastos excessivos. Pois é isto que devemos perseguir, com toda a prioridade, porque, ao investir nas crianças, com persistência estaremos construindo os sólidos alicerces de um País mais forte amanhã.